objetividade; é nesse terreno que pretendo travar a luta, fazendo-me *objeto fascinante*"[11]

Na sedução procuro mostrar-me como plenitude de ser e tento fazer com que me reconheçam como tal, exigindo que o outro me ame e fazendo o possível para que meu projeto se cumpra. Mas, o outro me amando, decepciono-me incondicionalmente por este amor. O desejo do amado é que o amante fundamente seu ser como um "objeto privilegiado", mantendo sua subjetividade; mas, amando, ele experimenta o amado como sujeito e imerge-se em sua objetividade diante de minha subjetividade.

Uma vez que o amor se mostra impossível na tentativa de absorver o outro, preservando sua subjetividade, seu Ser-Para-Outro, o sujeito se volta para uma segunda tentativa, um segundo projeto. Ao invés de absorver o outro, projeto ser absorvido e perder-me em sua subjetividade. Este empreendimento traduz-se como atitude *masoquista*. Mas, neste projeto, é minha própria subjetividade que será "considerada obstáculo ao ato primordial pelo qual o outro irá fundamentar-me em meu ser; trata-se, antes de tudo, de negá-la com *minha própria liberdade*"[12] Meu desejo agora nada mais será do que assumir-me como objeto, entrego-me ao outro deixando-o comandar-me.

O masoquista experimenta seu ser-objeto na vergonha, ele a quer; é por ela que ele experimenta sua objetividade. O masoquista nega sua transcendência objetivando-se, sendo olhado e humilhado, a fim de sentir todo o peso e a solidez de ser Em-si. Nas palavras de Sartre: "O masoquismo caracteriza-se como uma espécie de vertigem: não a vertigem ante o precipício de rocha e terra, mas frente ao abismo da subjetividade do outro"[13]

Entretanto, o masoquismo é também um fracasso, afirma Sartre. O masoquista intenta apreender seu eu-objeto como o é para o outro; tentativa esta malograda por não ser possível apropriar-se da subjetividade do outro, mesmo "o masoquista que paga a uma mulher para que ela o açoite, trata-a como instrumento, e por isso, coloca-se em transcendência em relação a ela. Assim, o masoquista acaba por tratar o outro como objeto e por transcendê-lo rumo à sua própria objetividade"[14] Ocorre muitas vezes que o masoquista, buscando sua objetividade, termina por deparar-se com a objetividade do outro encarando, desta forma, sua própria subjetividade.

[illegible]

> [illegible]
>
> [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

outro, como também experimenta a alienação de seu ser na liberdade de outro.

Para que o sadismo pudesse realizar seu projeto, sua vítima deveria determinar voluntariamente o momento da humilhação no qual pedirá comiseração. Ao mesmo tempo, o próprio sádico quer ser o responsável pelo momento da humilhação.

> "Descobre então que não pode agir sobre a liberdade do Outro, ainda que o obrigando a humilhar-se e pedir perdão, porque é precisamente na e pela liberdade absoluta do Outro que um mundo vem a existir, um mundo em que há um sádico, instrumentos de tortura e cem pretextos para a humilhação e a regeneração"[17]

O sádico somente alcançará seu fim quando a vítima lhe implorar o cessar da tortura, mas, ao permiti-lo, renuncia ao seu direito de decidir. Assim como o masoquismo – que deseja a subjetividade de seu verdugo, mas não o consegue por transcender o outro – é uma tentativa malograda de reconhecer seu ser-Para-outro, também o sadismo é um projeto que contém em si o fracasso; jamais este poderá objetivar o outro, sem reconhecê-lo como sujeito.

Considerações finais

Sartre aponta outras atitudes que o para-si tem diante do outro, tais como a linguagem, o ódio e a indiferença, mas, de um modo geral, todas estas atitudes reduzem-se a uma atitude de sadismo ou masoquismo.

Em todas estas atitudes, figura meu olhar sobre o outro: olhar objetificador, onde tento me apossar de sua liberdade. Esforço este impedido pelo *cárcere da carne*; pois perco de vista meu fim, subtraindo e perdendo-me em meu desejo, procurando subjugar e escravizar minha vítima. Em quaisquer destas atitudes somente alcanço o fracasso, pois aproprio-me do corpo do outro, e atinjo meu prazer, mas não o consigo assimilar, escapando-me assim, meu ser-Para-outro.

Visto deste prisma, somente podemos concluir que, para Sartre, não é possível uma relação com o outro de forma autêntica, pois somos a todo instante subjugados pelo outro por não nos reconhecer como sujeito (e vice-versa). Entretanto, mesmo crendo nesta impossibilidade, faz-se necessário

esclarecer que apesar de todo o conflito existente nas relações interpessoais, estas são necessárias. O outro é meu inferno, diz o autor de "O Ser e o Nada", mas é ele quem me dá sentido; é ele quem me fornece um ser; único ser que possuo e que jamais poderei possuir.

Bibliografia

GILES, Thomas Ransom. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. SP: EPU, Ed. da USP, 1975.

LIMA, Walter Matias. *Liberdade e Dialética em Jean-Paul Sartre*, Maceió: EDUFAL, 1998.

MACIEL, Luiz Carlos. *Sartre*: vida e obra, RJ: José Álvaro Editor, 1967

OLSON, Robert G.. *Introdução ao Existencialismo*, Trad. Djalma Neto, SP: Ed. Brasiliense, 1970.

PENHA, João da. *O que é Existencialismo*, 4ªed., SP: Brasiliense, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*: ensaio de ontologia fenomenológica; Trad. Paulo Perdigão, Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O Existencialismo é um Humanismo*, SP: Abril Cultural, 1987.

VIEIRA, Amaral. *Sartre e a revolta de nosso tempo*. RJ: forense, 1967.

NOTAS

[1] João da PENHA, *O que é Existencialismo*, p. 89.
[2] Ibid., p. 90.
[3] Jean-Paul SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 453.
[4] Idem.
[5] Ibid., p.454.
[6] Ibid., p. 455.
[7] Idem.
[8] Robert OLSON, *Introdução ao Existencialismo*, p.203.
[9] Thomas Ransom GILES, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, p. 297.
[10] Robert OLSON, *Introdução ao Existencialismo*, p. 194.
[11] Jean-Paul SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 463.
[12] Ibid., p. 470.
[13] Ibid., p. 471.
[14] Ibid., p. 472.